

Ensaio sobre a corrupção: o ingênuo quaresma em antítese ao jeitinho brasileiro na entrada do século XX

Essays on corruption: the naive quaresma in antithesis to the brazilian way at the beginning of the 20th century

Marcos Danilo Araujo Sousa

Faculdade do Centro Maranhense (FCMA/UNICENTRO)

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

marcos.araujo188@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa "Triste Fim de Policarpo Quaresma" de Lima Barreto, explorando a interseção entre história e literatura. Destacamos a reflexão do autor sobre a opressão social e a corrupção, utilizando referências teóricas de Castro (1995) e estudos complementares de Moraes Batista, Fiori de Lima, Millek, Pereira e Souza. A análise revela a importância do romance como expressão crítica e reflexão sobre questões sociais, destacando sua relevância na literatura brasileira e na compreensão da sociedade da época.

Palavras-chave: Triste Fim de Policarpo Quaresma. Análise literária. Interseção entre História e Literatura.

ABSTRACT: This article analyzes "Triste Fim de Policarpo Quaresma" by Lima Barreto, exploring the intersection between history and literature. We highlight the author's reflection on social oppression and corruption, using theoretical references from Castro (1995) and complementary studies by Moraes Batista, Fiori de Lima, Millek, Pereira, and Souza. The analysis reveals the importance of the novel as a critical expression and reflection on social issues, highlighting its relevance in Brazilian literature and in understanding the society of the time.

Keywords: Triste Fim de Policarpo Quaresma. Literary analysis. Intersection between History and Literature.

INTRODUÇÃO

Para a análise do livro "Triste Fim de Policarpo Quaresma", de Lima Barreto, busca-se compreender a relação entre a obra e a história, utilizando como uma de suas referências teóricas o trabalho de Castro (1995) em "Os Militares e a República: Um estudo sobre a cultura e a política", bem como de outras referências acadêmicas selecionadas de acordo com a relevância para o objeto deste estudo. Neste contexto, desdobramos a obra, observando cada componente que a constitui, a fim de estudar os aspectos integrantes da narrativa. Essa abordagem permite compreender, interpretar e assimilar os sentimentos e valores presentes na obra. "Triste Fim de Policarpo Quaresma", que é considerado um romance do pré-modernismo brasileiro e tem sido apontado como o principal representante desse movimento literário.

Escrito por Lima Barreto, o livro foi publicado pela primeira vez em folhetins, entre agosto e outubro de 1911, na edição da tarde do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Em 1915, a obra foi impressa em livro, em uma edição do próprio autor. Durante o enredo, somos apresentados a uma etapa que revela o lado corruptível das instituições, inspirando futuros autores do Modernismo, como Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade (BARRETO, 1998).

Os valores nacionais discutidos na obra evocam uma visão dialógica, especialmente através do protagonista, cuja exposição de ideias apresenta um caráter de descomedimento. Os pensamentos do personagem, ao mesmo tempo que provocam estranhamento e são associados à loucura, também carregam lucidez, percorrendo uma corrente por vezes ingênua e oscilante entre os polos desse paradoxo.

Lima Barreto teve uma forte influência no contexto da literatura nacional ao retratar o verdadeiro Brasil em suas obras, aproximando-se da linguagem coloquial e apresentando narrativas que se assemelham a crônicas jornalísticas. "Triste Fim de Policarpo Quaresma" denuncia as mazelas sociais brasileiras, como a corrupção na sociedade e a falta de protagonismo e voz das mulheres, sendo esse o foco desta análise literária.

A obra faz parte do movimento pré-modernista, que representa uma transição entre a tradição literária do século XIX e o Modernismo, marcando a redescoberta dos valores brasileiros, expressos através de um nacionalismo com uma vertente regionalista e um enfoque crítico.

No entanto, é importante problematizar a relação do nacionalismo com a corrupção e os atos nefastos, considerando o contexto do governo do Marechal Floriano, presente na obra de Lima Barreto. Durante o romance, são evidenciadas ações temerárias e arbitrárias que ilustram como um suposto nacionalismo, em conluio com uma pretensa filosofia positivista, asfixia a sociedade da época.

Assim, compreender os vieses que compõem a obra de Lima Barreto é uma missão valiosa, pois ela serve como uma ferramenta para a compreensão de uma importante escola literária do Brasil. Apesar de sua publicação já ser antiga, a obra apresenta elementos que ainda se fazem presentes no meio social contemporâneo em diversos setores. Essa pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, busca uma melhor compreensão da obra de Barreto e sua relevância histórica e literária.

"Triste Fim de Policarpo Quaresma" versa sobre a loucura, a pobreza, o preconceito e aborda acontecimentos sociais, históricos e políticos, retratando as intensas mazelas da vida brasileira. Explorar essa obra vai além de simplesmente analisá-la, pois busca compreender uma das ramificações que compõem a totalidade da literatura brasileira, relacionando-se com a realidade do cidadão, seus preconceitos e dogmas, independentemente do contexto histórico.

O BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX: OS CONFLITOS PELO PODER E A CORRUPÇÃO COMO BRINDE

As revoltas como percussoras de Quaresma

A relação entre história e literatura é um ponto bastante discutido em análises literárias, pois permite inferir diversos contextos. A obra "Triste Fim de Policarpo Quaresma" está situada em um contexto histórico específico, no final do século XIX, mais precisamente no Rio de Janeiro, que na época era a capital do Brasil e, portanto, a fonte central do poder nacional. O desenvolvimento do protagonista e da trama está extremamente interligado a esse período da história brasileira, que foi conturbado e permeado por jogos de poder e conflitos armados decorrentes da república. No romance, há uma forte crítica social ao sistema vigente, que apresentava diversos vícios nas relações humanas e sociais. Esse pensamento é ratificado ao longo das passagens da obra, tanto pelo protagonista quanto pelos personagens secundários.

A obra de Lima Barreto expõe fatos relacionados à corrupção nas repartições públicas e ao pensamento patriarcal enraizado nas relações entre homens e mulheres, especialmente nas grandes famílias. Também há um questionamento sobre o tratamento dos loucos, além de um debate sobre a exploração dos recursos nacionais, a preservação da cultura genuína e a degradação moral dos valores pátrios pelo governo e pela sociedade.

Cabe ressaltar, que a "tendência a um mais" deste grupo, que domina um ângulo da narrativa, é um crescer sem consciência crítica, dotada apenas da mediocridade e da consciência acrítica. Nesta concepção, esta força aumentada, não apresenta outra consciência, outra perspectiva, senão a já existente da corrupção social. O "mais um" se qualifica pela manutenção e sugação da mordomia burocrata/legislativa *in/presentia*, com o aumento do poder político, econômico e social, sem pretensões a uma nova forma de governo. (SOUZA, 1981, p. 35)

A expressão "tendência a um mais", referenciada pela autora pode ser interpretada como a busca incessante por poder e influência desse grupo, sem considerar os impactos negativos de suas ações na sociedade. Nota-se, assim, uma narrativa composta por elementos presentes no meio social da época, contexto do final do século XIX, que são expostos de forma constante nas entrelinhas da obra, aferindo implicitamente críticas a vários problemas sociais presentes na época ou ainda em resistência. É relevante destacar o papel da consciência "acrítica" no romance, pois a ela é atribuído um papel importante para compreender as motivações das ações principais, permitindo uma problematização dos problemas da sociedade brasileira no final do século XIX.

Contudo, entre essas ações principais, destaca-se a corrupção da sociedade no período e seus vícios, que já era de senso comum e conhecimento impregnado na cultura popular brasileira, apesar de não ser alvo de debate nos grandes círculos sociais da época. Lima Barreto enfatiza que o "jeitinho brasileiro" estava presente nas repartições públicas e no governo, sendo tal pensamento ratificado em várias passagens do livro.

Dessa forma, parte da corrupção a que os militares estavam envolvidos aflora por todo o romance, num sentido de denúncia e crítica. O narrador demonstra esse posicionamento através das histórias envolvendo os militares, bem como através dos atos deles próprios enquanto personagens do texto, como o caso do major Quaresma. (MILLEK, 2002, p. 17)

Esta reflexão discute com primor a contundente presença da venalidade entre os militares no contexto narrativo, manifestando-se como veemente denúncia e árdua crítica social. O narrador habilmente tece tramas e desvela as ações dos personagens castrenses, sobretudo por meio da personificação do major Quaresma, como ferramentas para inculcar e problematizar esse dissaboroso tema, desencadeando uma pertinente e profunda reflexão acerca da complexa teia social e das intrincadas engrenagens do poder instituído. Percebe-se, dentro da obra, que além de uma crítica à maneira como se organizava o funcionalismo público, há ênfase em histórias dentro do contexto militar. Isso se deve ao fato de o personagem Major Policarpo Quaresma estar inserido nesse círculo social, mesmo não sendo verdadeiramente um combatente militar no início da trama, tornando-se apenas posteriormente, à medida que se aproxima de seu triste fim.

Assim, é possível notar que as mazelas sociais do final do século XIX na sociedade brasileira ditam o destino do Major Quaresma, que é o protagonista e o foco principal do romance. São feitas reflexões sobre o que provocou tudo isso, quais os fenômenos que levaram à incompreensão de seus pensamentos e por que a sociedade brasileira era passiva diante dos infortúnios da época.

No entanto, antes de qualquer problematização, é necessário compreender em qual parte da história brasileira o personagem Major Quaresma está situado, não apenas em termos de período, mas também em relação aos acontecimentos desse contexto. Perguntas como em quais fatores históricos o romance se desenvolve? Quais as motivações por trás desses acontecimentos? Devem ser respondidas primeiramente, já que o autor Lima Barreto relaciona literatura e história de forma confluyente.

Desde o início da República no Brasil, ocorreram conflitos militares e revoltas regionais que resultaram em confrontos de grande proporção. Logicamente, alguns ganharam maior notoriedade do que outros. Na obra de Barreto, dois deles recebem destaque, justamente por estarem inseridos no período em que se passa a trama do livro, retratando, mesmo que dentro de um contexto literário, esses dois eventos históricos.

Denominados como a Revolta da Armada, esses acontecimentos históricos se encaixam no contexto em que se desenrola o romance "Triste Fim de Policarpo Quaresma". A revolta teve início com a renúncia de Deodoro da Fonseca em 1891, segundo os historiadores, e por esse motivo foi dividida em dois períodos: a Primeira Revolta da Armada, durante o governo de Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do país, e a Segunda Revolta da Armada, durante o governo de Floriano Peixoto, segundo presidente do país, que assumiu a presidência após a renúncia de Deodoro. A compreensão dessa divisão é essencial para entender a relevância de alguns personagens

históricos presentes no romance, como o Marechal Floriano Peixoto, presidente da República nesse período.

Dentro do contexto da segunda revolta armada, o romance ganha vida, sendo que o próprio Floriano Peixoto é um personagem essencial para a compreensão do desfecho do protagonista, aparecendo em diversas passagens e influenciando o desenvolvimento dos principais personagens. “Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bonde chegou; ele se despediu do major, dizendo com aquela sua placidez de voz: – Você, Quaresma, é um visionário...” (BARRETO, 1998, p.168). Dentro desse contexto, a articulação entre ficção e realidade se desenha com a convergência de história e literatura.

Dentre as circunstâncias que motivaram a eclosão da Revolta Armada, destaca-se o fato de que alguns grupos militares, especialmente da Marinha, objetavam a ascensão política de civis promovida pelo governo de Floriano Peixoto. Além disso, os militares revoltosos da Marinha contestavam a legalidade do governo Floriano, uma vez que a Constituição estabelecia que o vice-presidente só poderia assumir o cargo após dois anos de mandato do presidente. Como a renúncia de Deodoro ocorreu antes desse período, os revoltosos questionaram a legalidade constitucional do governo de Floriano.

Um exemplo de uma dessas circunstâncias que motivaram o início da Revolta Armada, presente tanto no romance quanto na história, é a ascensão de personagens civis que, ao longo da trama, desempenhavam ou buscavam cargos no governo.

Quadro 1: Personagens civis do romance Triste Fim de Policarpo Quaresma.

Nome	Titulação	Relevância no Romance	Relevância social e governo
Doutor Armando Borges	Médico	Esposo de Olga	Pretensão intelectual e ambicioso tentava galgar cargo no governo.
Doutor Campos	Médico	Algoz de Quaresma em Curuzu	Presidente da câmara de Curuzu, e articulador político.
Genelício	Empregado do Tesouro	Namorado de Quinota, filha de Albernaz.	Extremamente bajulador, deixou de ser secretário do Tesouro para ser subdiretor, e posteriormente almejava ser diretor. Ambicioso e extremamente articulado.

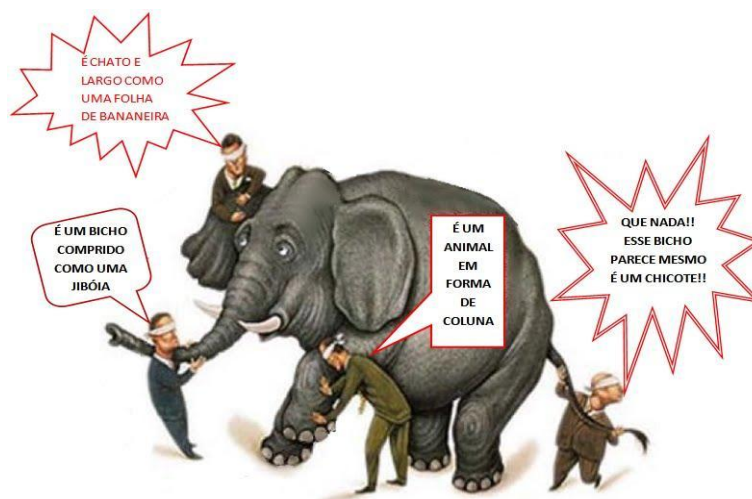
Fonte: Autor (2023).

Os personagens descritos no romance ocupavam cargos governamentais ou tinham pretensões nesse sentido. É importante destacar o personagem Genelício, um homem civil que rapidamente progrediu em sua carreira através de articulações e bajulações. Embora nenhum dos personagens tivesse uma ligação direta com o Marechal Floriano, eles ocupavam posições secundárias e almejavam pretensões maiores na política, mostrando-se acostumados aos jogos de favores.

No entanto, não apenas a Revolta da Armada ocorreu durante o período retratado na obra. Paralelamente, o sul do país vivenciou a Revolução Federalista (1893-1895), marcada pela disputa entre os federalistas (maragatos) e republicanos (pica-paus), estes últimos apoiados por Floriano. No entanto, Floriano conseguiu reprimir as duas revoltas, o que lhe rendeu o apelido de "Marechal de Ferro".

Dessa forma, fica claro que o processo de construção de uma narrativa, como é o caso do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, atua como uma representação da realidade, seja ela histórica ou fictícia. Essa representação adquire uma autonomia de significação, mesmo que haja uma visão comum de que o real e o irreal não podem coexistir ou estar em conjunto. No entanto, na prática contemporânea, essa ideia não é totalmente aceita, uma vez que existem diversos exemplos na literatura, inclusive em períodos não contemporâneos. O próprio romance em questão é um exemplo desse conceito.

Desenho 1: O Livro da Sabedoria - A Fábula dos Cegos com o Elefante



Fonte: ORLANDO (2010)¹

Como visto, a parábola retrata pessoas com deficiência visual em diferentes posições, cada uma tendo acesso a um determinado ângulo do objeto que estão analisando. Percebe-se, então, que cada pessoa expõe seu relato com base no meio ao qual tiveram acesso. Não se pode considerar errado aqueles que possuem um pensamento diferente, pois a visão que obtiveram era diferente, e cada relato representa uma alternativa da realidade e da complementação.

Desse modo, apesar do aparente conflito entre história e literatura em relação à concepção de realidade, existe um caráter complementar entre ambas. A linguagem é capaz de produzir um processo de significação que ultrapassa as linhas de pensamento

¹ ORLANDO, José. 21 de julho de 2010. 1 desenho. **O Livro da Sabedoria - A fábula dos cegos com o elefante**. Disponível em: <http://lideias.blogspot.com/2010/07/o-livro-da-sabedoria-fabula-dos-cegos.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

presentes no senso comum. Assim como em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a ficção pode ser o melhor meio de representar o real e os eventos que ocorreram no passado, representando a sociedade, seus vícios, a luta pelo poder, a vaidade dos governantes e a hipocrisia social.

A figura caricata do Major Quaresma, um homem ingênuo e probo, não se tornou assim por acaso. A maleabilidade do protagonista permitiu a Lima Barreto transitar mais facilmente entre história e literatura sem causar um grande impacto. No entanto, por se tratar de um romance histórico, em que a narrativa ficcional se relaciona com elementos do passado, qualquer ruptura pode causar um revés inesperado.

Assim, o caminho do protagonista fica atrelado aos fenômenos históricos, como a Revolta Armada e a Revolução Federalista, de acordo com o caráter histórico do livro. Esse pensamento é ratificado no próprio desfecho da vida do Major Quaresma, em um contexto militar e conflituoso, com ânimos acirrados devido às insurgências.

Toda a gente queria mostrar-se a Floriano, queria cumprimentá-lo, queria dar mostras da sua dedicação, provar os seus serviços, mostrando-se coparticipante na sua vitória. Lançavam mão de todos os meios, de todos os planos, de todos os processos. O ditador tão acessível antes, agora se esquivava. Havia quem lhe quisesse beijar as mãos, como ao papa ou a um imperador; e ele já tinha nojo de tanta subserviência. O califá não se supunha sagrado e aborrecia-se (BARRETO, 1998, p. 204).

A interação apresenta uma conexão relevante entre o desenvolvimento do protagonista, Major Quaresma, e os fenômenos históricos, como a Revolta Armada e a Revolução Federalista, destacando a influência desses eventos na progressão da narrativa. Ademais, o contexto político descrito, envolvendo a figura do ditador Floriano Peixoto e as dinâmicas de busca por reconhecimento e poder, reflete de forma significativa as complexidades e tensões sociais da época. A integração desses elementos históricos e ficcionais proporciona uma compreensão aprofundada das relações entre personagens e os contextos sociopolíticos em que estão imersos. A dinâmica apontada acima ilustra as complexidades das relações de poder e a necessidade de equilíbrio entre lealdade e subserviência.

A condição brasileira no final do século XIX e os conflitos que emergiam fazem com que o desfecho do protagonista seja grandioso, não por um grande ato heroico, mas por relatar e impactar cada momento em que o Major Quaresma perpassou por sua existência. Desde os atos cotidianos comuns ao período até suas pesquisas históricas sobre as raízes nacionais, ele permite uma imersão em um passado não tão distante da história brasileira.

A corrupção dentro do contexto histórico e militar

O contexto militar e histórico em que se desenvolve a trama ocorre durante a última década do século XIX, mais precisamente durante a Revolta da Armada no Rio de Janeiro. Nesse período, ocorrem eventos relevantes da história brasileira, como a rebelião da Marinha contra o presidente Floriano Peixoto, com o objetivo de derrubar o governo. Todos esses acontecimentos estão fundamentados na luta pelo poder e na corrupção

enraizada nas instituições governamentais e militares, conforme evidenciado tanto no romance quanto na história do Brasil.

Dessa forma, é possível observar desde o início da obra uma inter-relação entre o contexto do protagonista e o da história brasileira, especialmente durante o governo do Marechal Floriano, que é alvo de críticas ao longo do livro. Percebe-se, assim, um paralelismo entre o desenvolvimento da trama e os elementos narrativos da vida política, social e cultural do Brasil no final do século XIX. Esse ponto é constantemente abordado no meio do romance, estendendo-se até a parte final.

Bastava a mínima crítica, para se perder o emprego, a liberdade, — quem sabe? — a vida também. Ainda estávamos no começo da revolta, mas o regime já publicara o seu prólogo e todos estavam avisados. O chefe de polícia organizara a lista dos suspeitos. Não havia distinção de posição e talentos. [...] Demais surgiam as vinganças mesquinhas, o revide de pequenas implicâncias... Todos mandavam; a autoridade estava em todas as mãos (BARRETO, 1998, p. 132).

Esse trecho revela um cenário de opressão e medo durante um período de revolta, onde a mínima crítica poderia resultar em graves consequências, como a perda do emprego, da liberdade ou até mesmo da vida. O regime estabelecido impõe um clima de vigilância constante, com uma lista de suspeitos organizada pelo chefe de polícia, evidenciando que qualquer pessoa poderia ser alvo de represálias, independentemente de sua posição social ou habilidades. Essa atmosfera de autoritarismo e vingança mesquinha retrata a perda da liberdade individual e a disseminação do poder opressivo em todas as esferas da sociedade. O trecho destaca a fragilidade dos direitos e garantias fundamentais. Assim, no romance, são feitas citações ao período histórico e aos seus acontecimentos, não deixando dúvidas sobre sua localização histórica. Barreto inclui, dentro da trama, pessoas reais, como o Marechal Floriano, permitindo reflexões sobre a legitimidade do governo e dos militares, que naquele momento monopolizavam em grande parte os poderes e os cargos de alto escalão, apesar de haver também a ascensão de civis em cargos públicos nesse período da história. Em meio a todo esse contexto, ocorriam diversas violações à ética e à moralidade pública, algo inesperado de um dos mais altos poderes da nação, em um momento em que se esperava mais do que nunca credibilidade.

No entanto, a obra traz fortes referências à Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1864 e 1870, e à Revolução Federalista, que se encerrou em 1895, envolvendo confrontos entre os federalistas e os republicanos, apoiados pelo governo federal, e resultando na vitória dos últimos. Durante o livro, são feitas referências marcantes a esses acontecimentos históricos, e para compreender a trama que envolve a vida do personagem Major Quaresma, é necessário ter conhecimento prévio dos fatores que levaram a esses eventos, como já foi mencionado anteriormente. Isso ressalta o caráter histórico da obra e sua inter-relação com uma forte crítica social ao regime governamental da época, que em várias ocasiões agiu contrariamente aos interesses da pátria, centralizando seus próprios interesses como foco principal.

Além disso, o romance possui um forte caráter nacionalista, às vezes até exagerado, como evidenciado pelo protagonista, que comete equívocos na expressão de sua defesa dos elementos que considera genuinamente nacionais, especialmente no que se refere à brasiliana (coleção de estudos sobre o Brasil). Esse elemento demonstra o enfoque cívico-patriótico presente na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. “A brasiliana do

Major Quaresma, enfocada a partir de uma perspectiva dialógica de leitura, nos permite aventar especulações acerca de algumas relações intertextuais que o romance promove, em confluência, entre literatura e história [...]” (PEREIRA, 2004, p. 151).

Esse caráter patriótico da obra permite especular sobre as intenções do autor, uma vez que a exposição da visão do protagonista em relação ao nacional e às consequências negativas que isso acarreta suscita grandes questionamentos sobre o sistema vigente, especialmente devido à ingenuidade atribuída a Quaresma, que em nenhum momento do romance apresenta qualquer comportamento desonroso.

Dessa forma, o autor torna mais evidente sua posição em relação ao governo brasileiro do Marechal Floriano, abordando desde os aspectos mais amenos até os mais cruéis. No entanto, é possível observar, dentro do contexto histórico da obra, uma certa imprudência por parte do protagonista no que diz respeito à valorização do nacional.

Como prova que sabia tudo sobre o Brasil e que aprendera o Tupi, Policarpo Quaresma faz um pedido ao Congresso Nacional que a língua Tupi-guarani seja adotada como a língua oficial e nacional do povo brasileiro. O pedido serviu apenas que fosse colocado no rol dos incompreendidos e tema de zombarias nos jornais, nas ruas, nos meios burocráticos e na própria repartição que trabalhava (DE MORAIS BATISTA, 2005, p. 44).

Neste fragmento, Policarpo Quaresma, para comprovar seu conhecimento abrangente sobre o Brasil e sua aptidão no Tupi-guarani, formula uma solicitação ao Congresso Nacional para que esta língua seja oficial e nacionalmente adotada no país. Entretanto, sua proposta enfrenta mal-entendidos e é objeto de zombarias e ridicularizações tanto na imprensa quanto na esfera burocrática e em seu próprio local de trabalho. Alocam-se, assim, dentro da perspectiva nacionalista do personagem, uma idealização utópica dos valores pátrios. Quaresma busca, de maneira surrealista, as raízes da cultura social, política e histórica do Brasil, percorrendo, por vezes, uma linha tênue entre lucidez, loucura e ingenuidade. Ressalta-se que nessa problemática, a trama desenvolve sua ação justamente nos obstáculos colocados diante da opinião não comum do protagonista, que sofre represálias ao seu modo de agir e pensar, provenientes do meio social em que está inserido.

A corrupção, dentro desse contexto histórico, situa-se especialmente no âmbito militar. Não foi por obra do destino que Lima Barreto situou o protagonista em um arsenal. Foi justamente com esse pretexto que o romance ganhou vivacidade e eloquência para conferir autenticidade ao discurso do autor. A ingenuidade do protagonista, juntamente com a falta de escrúpulos dos seus algozes, que fazem todo o círculo social girar em torno do regime para obterem mais poder, permite uma maior clareza sobre as intenções do governo ditatorial, trazendo um embate sobre ética e valores sociais.

Da mesma forma, registra-se que o percurso realizado pelo protagonista e sua vivência até o seu fim, utilizando elementos históricos e literários, possibilita uma análise mais precisa sobre a corrupção presente no contexto militar e histórico da época. É extremamente relevante conhecer os aspectos intrínsecos e extrínsecos do romance para compreender tanto a obra de Lima Barreto quanto o funcionamento da sociedade brasileira do final do século XIX, que já sofria com certas práticas do "jeitinho

brasileiro", expressão comumente utilizada para descrever a corrupção em pequenas medidas do cotidiano. Nesse sentido, há um arremate de sentido entre ambos os polos.

Na obra, são feitas várias referências à corrupção enraizada nas repartições militares. O personagem Quaresma, agora Major, título que lhe foi conferido inicialmente devido à amizade com um influente amigo do Ministério do Interior, que o incluiu em uma lista de guardas-nacionais sem que ele pagasse as taxas correspondentes, relata em seu cotidiano as hipocrisias e jogos de poder em seu ambiente de trabalho, um Arsenal de Guerra, onde atua como subsecretário. Posteriormente, relata também sua experiência em um quartel.

Um dos vários momentos em que essa corrupção é retratada ocorre durante um diálogo do Contra-almirante Caldas em determinada parte do romance, em que ele desabafa. “É curiosa essa coisa das administrações militares: as comissões são merecimento, mas só se dá aos protegidos” (BARRETO, 1998, p.47). Esse diálogo extraído da obra, no qual o personagem Contra-almirante Caldas expõe seu pensamento sobre o regime, ocorre durante uma conversa em um grupo de confrades sobre suas dificuldades de acesso às comissões que julgava ser merecedor. Esse desabafo do personagem, que servia ao governo, apenas evidencia as insatisfações em relação às pessoas nos escalões governamentais superiores e intermediários. Esse exemplo ilustra parte do que é periodicamente relatado ao longo da obra, pois toda a disputa por poder e status que ocorre no meio social do romance se utiliza de artifícios como bajulação, mentiras e, em alguns casos, até violência. No entanto, no caso do personagem mencionado anteriormente, há apenas indignação em relação ao reconhecimento que ele considerava necessário, em contraposição a uma diminuição em favor da ascensão dos protegidos.

Em nome do Marechal Floriano, qualquer oficial, ou mesmo cidadão, sem função pública alguma, prendia e ai de quem caía na prisão, lá ficava esquecido, sofrendo angustiosos suplícios de uma imaginação dominicana. Os funcionários disputavam-se em bajulação, em servilismo... Era um terror, um terror baço, sem coragem, sangrento, às ocultas, sem grandeza, sem desculpa, sem razão e sem responsabilidades... Houve execuções; mas não houve nunca um Fouquier-Tinville (BARRETO, 1998, p.13).

Neste contexto, sob o governo do Marechal Floriano, qualquer pessoa, oficial ou cidadão sem cargo público, tinha o poder de prender indivíduos arbitrariamente, resultando em detenções prolongadas e esquecidas, sujeitando-os a torturas mentais provenientes de um sistema opressivo. Os funcionários competiam em bajulação e servilismo, caracterizando um regime de terror implacável, sanguinário, secreto e sem responsabilidades. Embora tenha havido execuções, a ausência de uma figura como Fouquier-Tinville² indica a falta de uma estrutura justa e responsável por tais ações. Ressalta-se que esses artifícios são utilizados de maneira gradativa, de modo que só se percebe a convergência deles ao longo da trama, algo que se torna perceptível a partir das decepções do protagonista com sua pátria, governo e sociedade, que pouco a pouco o abandonam e, por fim, até o perseguem. Isso revela a verdade sobre o que até então era obscuro para a figura incrédula do Major Quaresma. As violações aos direitos humanos ocorridas durante esse período da história brasileira foram incontáveis, realizadas muitas

² Fouquier-Tinville: Promotor público francês durante a Revolução Francesa, conhecido por seu papel no "Período do Terror" e pelas implacáveis condenações à guilhotina.

vezes de maneira obscura e sorrateira. Nesse caso, há uma ditadura velada que utiliza outros indivíduos para executar suas ações, o que, sob a ótica literária do romance, leva o protagonista a refletir sobre o propósito de sua vida monótona. Compara-se a decepção do protagonista a um relacionamento utópico/abusivo, onde inicialmente há uma paixão efervescente e, posteriormente, as decepções da vida esfriam esse sentimento, culminando no fruto dessa paixão efêmera se tornando seu algoz.

Nesse sentido, a corrupção desempenha um papel semelhante à traição, agindo como um ataque aos princípios éticos, morais, à pátria e à dignidade humana. Esse embate entre utopia e realidade, fundamentais para o pensamento do Major Quaresma, revela-se relevante a partir do momento em que se permite dar legitimidade ao discurso do personagem. Ao atribuir autenticidade ao discurso do protagonista, percebe-se que, apesar do descomedimento de suas opiniões extremamente nacionalistas, ele oferece um relato realista sobre o estado em que se encontrava o quadro militar durante o governo de Floriano Peixoto. No início do romance, o protagonista Major Quaresma creditava em seus pensamentos utópicos o governo de Floriano Peixoto como legítimo e capaz de representar a salvaguarda dos interesses nacionais. Tanto que ele ingenuamente tenta apresentar propostas para tornar as terras nacionais mais produtivas e valorizadas, informações adquiridas ao longo de seus anos de estudo sobre a pátria (BARRETO, 1998).

Entretanto, ao longo da história, percebe-se que as atitudes do presidente Floriano, assim como as de seus militares, como generais, almirantes e coronéis, são altamente questionáveis sob a ótica de parâmetros éticos e governamentais. Isso pode ser atribuído à possível falta de habilidade desses indivíduos em relação às expectativas de um verdadeiro militar ou à sua mistura com a política, o que gera uma ambiguidade de intenções. Conforme a história avança, percebe-se que todo o ciclo social gira em torno do poder, e aqueles que estão bem alinhados com o governo têm maiores chances de progredir em suas funções.

O altissonante título de general, que lembrava coisas sobre-humanas dos Césares, dos Turennes e dos Gustavos Adolfos, ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar "pistolões" para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar (BARRETO, 1998, p. 31).

Essa descrição é feita sobre o General Albernaz, personagem vizinho de Quaresma na parte inicial do romance, e que durante boa parte da história dialoga com o Major sobre manifestações da cultura nacional, como bailes e festas. A narrativa pouco favorável sobre o General provoca imediatamente uma reflexão sobre a cultura militarista da época, em que homens sem as devidas qualificações ou habilidades ocupavam altos cargos militares, como exemplificado na figura de Albernaz, descrito como medíocre e bonachão, com objetivos ainda duvidosos, como garantir a admissão do filho no Colégio Militar. Em seguida, ao explorar os laços afetivos de Albernaz e, conseqüentemente, de Quaresma, chega-se ao Contra-Almirante Caldas, personagem que, de acordo com o livro, reclamava das comissões que eram concedidas apenas aos protegidos, embora ele próprio alimentasse o desejo de comandar uma esquadra, consolidando em sua mente a imagem de um verdadeiro comandante e guerreiro, conforme imaginava. “Caldas andava aborrecido, pessimista. O seu processo ia mal e até agora o governo não lhe tinha dado coisa alguma. O seu patriotismo se enfraquecia com o diluir-se da esperança de ser algum dia vice-almirante [...]” (BARRETO, 1998, p. 164).

Dessa forma, à medida que o tempo passava, o fervor patriótico daqueles que antes buscavam posições mais altas ia enfraquecendo, em um processo gradual de aceitação de que todo o seu empenho pela pátria não seria recompensado com um cargo de maior prestígio, liderança ou ato heroico grandioso. Assim, Caldas e outros militares começavam a perceber claramente que apenas aqueles alinhados com a política governamental seriam dignos de prestígio, e que as promoções não seriam baseadas em mérito, mas sim em afinidades, bajulações e interesses pessoais. Esse quadro permeava grande parte das relações no campo militar da época. No entanto, essa face obscura do militarismo e do governo era marcada por ainda mais vícios de corrupção e abuso de poder, inclusive nos centros menores, onde as "trapaças" poderiam ser facilmente encobertas. Isso é exemplificado pelas figuras do Tenente Antônio Dutra, escrivão e funcionário da prefeitura de Curuzu, e do presidente da câmara, Dr. Campos.

Recebeu o papel e leu. Não vinha mais da municipalidade, mas da coletoria, cujo escrivão, Antonino Dutra, conforme estava no papel, intimava o Senhor Policarpo Quaresma a pagar quinhentos mil-réis de multa, por ter enviado produtos de sua lavoura sem pagamento dos respectivos impostos (BARRETO, 1998, p. 126).

A singular figura do Tenente Antônio Dutra, inicialmente cordial com o protagonista Quaresma, revela-se posteriormente quando, em forma de represália, tenta extorquir de forma velada o Major, impondo impostos sem previsão legal ou moral sobre a produtividade de seu sítio. Essa atitude do escrivão baseava-se na recusa de Quaresma em participar do jogo político municipal, disputado entre o Senador Guariba e o Governo, que, após se romperem, tentavam eleger seus respectivos candidatos, Dr. Castrioto e Neves.

Além disso, a recusa do protagonista em adotar um lado partidário também o levou a ser alvo de perseguição anteriormente, quando o Dr. Campos, presidente da Câmara de Curuzu, o intimou a limpar as áreas de seu sítio que confrontavam com vias públicas, totalizando uma extensão de mil e duzentos metros. Tal exigência era inviável segundo o protagonista, e a postura do político, embora alegasse se basear nas leis municipais, era claramente motivada por perseguição e abuso de poder. Era uma espécie de troca de favores.

A partir desse momento, a confluência entre a história e o romance começa a direcionar o destino final do protagonista. Os declínios que ele sofreu até então, as tentativas veladas de suborno, a incompreensão de seus pares e sua utópica tentativa de elevar a bandeira brasileira o levam a conhecer o lado mais nefasto e corrupto do governo do Marechal Floriano. No entanto, segundo a história, o Marechal apresentava em seus discursos motivos legítimos para a instauração de seu governo, como a purificação do corpo social da corrupção. Um exemplo disso é uma carta escrita por Floriano, citada pelo historiador Castro *apud* Cameu e Peixoto (1995, p. 153).

Vi a solução da questão da classe, excedeu sem dúvida a expectativa de todos. Fato único, que prova exuberantemente a podridão que vai por este pobre país e, portanto necessidade da ditadura militar para expurga-la. Como liberal, que sou, não posso querer para meu país o governo da espada; mas não há quem desconheça e aí estão os exemplos de que é ele o que sabe purificar o sangue do corpo social, que como o nosso está corrompido.

Nesse ponto, o discurso do Marechal apresenta justificativas para a implantação de um regime ditatorial, utilizando a podridão que assola a pátria como alicerce para suas ações. É relevante destacar, nessa narrativa, o termo "governo da espada", o que permite inferir uma possível legitimidade para a ocorrência de atos nefastos sem qualquer coação, já que seria considerado factível diante da alegação de purificação do corpo social. Apesar da declaração de sua liberalidade e de que não seria de seu interesse prejudicar o país, seu discurso permite inferir um perfil ideológico, alguém que lança a ideia ao ar e depois a retira, provocando reflexões sobre suas convicções.

Desse modo, é notável que os fatores externos ao romance proporcionam uma compreensão maior do que se passava na trama, uma vez que a motivação histórica por trás do discurso do ditador e seus ideais reais, documentados por historiadores, possibilitam uma análise da figura histórica e do personagem, e até que ponto os discursos de ambos convergem.

Nesse sentido, dentro da obra de Lima Barreto, percebe-se que esses pontos ideológicos do Marechal (real) e do Marechal (personagem) apresentam semelhanças. O autor relata ao longo do romance que, em nome do Marechal Floriano, qualquer militar poderia cometer atos conforme sua vontade, embora de maneira sorrateira, pois isso poderia ser mal visto. Nesse caso, havia uma suposta legitimidade para esses atos, um bem maior a ser realizado, uma moralidade desconectada do campo real e nociva para aqueles ao redor. Isso resultou na violação dos direitos básicos dos cidadãos e nas arbitrariedades cometidas pelo regime, que se tornaram senso comum.

No entanto, além do aspecto moral defendido pelo governo brasileiro do Marechal, diversos pressupostos vão contra essa corrente e podem caracterizar a corrupção da época, especialmente no âmbito governamental e militar, o que no romance contribui para selar o destino do protagonista. Essas presunções se concretizam nas figuras dos personagens secundários da narrativa, que indiretamente promovem o governo do ditador.

Entre esses personagens secundários que impulsionaram o regime ditatorial na narrativa está a figura do Major honorário Inocêncio Bustamante, confrade do Contra-Almirante Caldas e companheiro de batalhão de Quaresma. Ele é descrito como um homem humilde e servil, que tenta a todo momento obter honrarias junto ao ministério, conseguindo o título de Tenente-Coronel e comandando o "Cruzeiro do Sul" durante a revolta. Ele é um comandante ativo dentro do quartel, porém mais atento a questões burocráticas do que às atividades principais, caracterizando-o assim como um parnasiano de guerra. "[...] Inocêncio Bustamante continuava a superintender o corpo com muito zelo, do interior do seu gabinete, na estalagem condenada que lhe servia de quartel. A escrituração estava em dia e era feita com a melhor letra [...]" (BARRETO, 1998, p.192).

Posteriormente, dentro do romance, não foi imputado nenhum crime ou grande violação à moralidade ao Tenente-Coronel Bustamante, exceto um, que certamente influenciou o desfecho do protagonista. Sua passividade e omissão diante das circunstâncias em que o Major Quaresma estava sofrendo, mesmo quando procurado para ajudá-lo e recusando de imediato, são atribuídas a um silêncio de alguém que não desejava se comprometer e à convivência de alguém que testemunhou a injustiça e se calou. Essa omissão pode ser exemplificada pelo seguinte diálogo extraído do texto. "—

Vai-te embora, senão mando-te prender! Já! E apontou com o dedo a porta da saída num gesto marcial e energético. [...]” (BARRETO, 1998, p. 201).

A reação do personagem, que conviveu por diversos momentos com o protagonista, demonstra o caráter impessoal das relações humanas militares no romance. Isso ocorre tanto devido à pretensa corrente positivista de pensamento implantada pelo regime ditatorial do Marechal Floriano, o que justificaria, em tese, o amor utópico à "pátria" e a convergência na figura do seu governante, de modo que quem o contrariasse estaria automaticamente contra ela, como também pela simples busca por assuntos que oferecessem recompensas pessoais aos personagens. É o poder pelo poder, sem se importar com qualquer resquício de justiça moral. É evidente o pensamento de que, seja devido à pretensa corrente positivista do governo ou à adequação da sociedade brasileira do final do século XIX ao jogo de interesses e às barganhas sociais, como a capitalização do casamento e a subserviência à ala militar alinhada à administração governamental, o autor apresenta um questionamento crítico sobre o período. O doloroso martírio percorrido pelo protagonista até chegar à sua morte causa repulsa ao ciclo social da época, assim como aos seus administradores.

Para o narrador, os indivíduos dessa “alta sociedade suburbana”, por estarem presos no seu egoísmo, buscam distinguir-se dos demais. Mas o que os distingue das classes mais baixas é ter “todo dia jantar e almoço”. Em vez de se solidarizar com quem não tem a alimentação garantida, ou se revoltar com a desigualdade, contentam-se com esse “símbolo de distinção” e, inclusive, olham aos demais com ares de superioridade, ou “como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida” (FIORE DE LIMA, p. 40, 2017).

Esse desdém social praticado pela sociedade suburbana dita sob a ótica do autor permite compreender o perfil ideológico de Lima Barreto, que em suas obras buscava documentar tendo em vista as esferas sociais, políticas e históricas. Os ângulos anteriormente expostos evidenciam a ingenuidade de Quaresma e conferem a "Triste Fim de Policarpo Quaresma" um relato crítico sobre um determinado período da história do Brasil, no qual houve uma predominância militar pelo poder. No romance, essa ingenuidade é retratada por meio das ações e crenças do protagonista, que busca de forma idealizada as raízes culturais e patrióticas do país.

A corrupção, dessa forma, se manifesta no romance de maneira insidiosa e devastadora. Lima Barreto habilmente expõe os meandros obscuros e sórdidos dos atos praticados pelo Marechal de Ferro e seus seguidores, revelando a profundidade da depravação moral e dos abusos de poder presentes no sistema governamental da época. Ao retratar os personagens militares e suas atitudes, o autor destaca a atmosfera permeada por conchavos, interesses pessoais e manipulações, onde a ética e a justiça são suprimidas em prol da obtenção de vantagens individuais. A ingenuidade de Quaresma, em contraste com essa realidade corrupta, torna-se ainda mais evidente, mostrando sua incapacidade de compreender plenamente a complexidade e a perversidade dos jogos de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto, um dos mais proeminentes escritores da literatura brasileira, especialmente vinculado à corrente pré-modernista, estabelece em sua obra "Triste Fim de Policarpo Quaresma" uma ferramenta de análise e crítica social à sociedade brasileira

durante a transição para o século XX. O objetivo deste estudo é não apenas abordar o romance, mas também buscar analisar e descrever suas principais vertentes, considerando tanto fatores intrínsecos à obra quanto elementos extrínsecos.

Dessa forma, a crítica social às instituições adquire grande relevância, destacando-se a corrupção que se estabelecia facilmente no regime ditatorial como sua maior expressão. Ao longo do romance, o autor faz assertivas e diálogos que revelam comportamentos extremamente questionáveis, não apenas por parte do governante máximo, o Marechal de Ferro, mas também da ala militar. Apesar de ocorrer uma ascensão de civis a cargos de alto escalão naquele período histórico, o poder da ala militar permanecia forte, desequilibrando qualquer harmonia.

Percebe-se, portanto, que Lima Barreto utiliza seu romance como uma ferramenta para refletir e representar as mazelas sociais das quais ele se considerava conhecedor. Em "Triste Fim de Policarpo Quaresma", literatura e história caminham juntas, complementando-se mutuamente na denúncia e na representação social.

Essa perspectiva crítica social permeia todo o romance, porém há uma centralidade na questão do nacionalismo. Este, que representava fortemente a sociedade da época e os anseios iniciais do protagonista, revela um nacionalismo desmedido, que, aliado a resquícios da filosofia positivista, confere ao governo do Marechal de Ferro poderes quase divinos. O autor transmite, em sua obra, uma visão sucinta de um determinado período da história do Brasil, no qual, mesmo se configurando como ficção, os diálogos e a trama narrada representam, de forma literária, fatos reais. Lima Barreto sempre se opôs às injustiças sociais, e "Triste Fim de Policarpo Quaresma" é um retrato do cinismo e dos dogmas disseminados no Brasil do final do século XIX em contraponto à ingenuidade do protagonista.

REFERÊNCIAS

BARRETO, L. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 1998.

CASTRO, C. **Os Militares e a República: Um estudo sobre a cultura e a política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1995.

DE MORAIS BATISTA, E. P. **A Loucura como crítica social na obra "Triste Fim De Policarpo Quaresma" de Lima Barreto**. 2005. Monografia (Licenciatura em Letras) - Faculdade de Ciências da Educação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3478/2/20108317.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2018.

FIORI DE LIMA, N. **O Anarquismo de Lima Barreto: uma análise de Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Tecnológica

Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8944/1/CT_COLET_2017_1_11.pdf.pdf. Acesso em: 16 out. 2019.

MILLEK, C. M. **Triste Fim de Policarpo Quaresma e o Homem da Cabeça de Papelão: uma análise sobre a construção do herói**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2002. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2002/claudia_maria_millek.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

ORLANDO, J. 21 de julho de 2010. 1 desenho. **O Livro da Sabedoria - A fábula dos cegos com o elefante**. Disponível em: <http://lideias.blogspot.com/2010/07/o-livro-da-sabedoria-fabula-dos-cegos.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

PEREIRA, E. R. A brasileira de Policarpo Quaresma: modelo, moldura, mediação. **Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**, Feira de Santana, BA, v. 3, n. 2, p. 150-163, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1958/146>. Acesso em: 09 nov. 2018.

SOUZA, M. I. P. de. Triste Fim de Policarpo Quaresma: uma interpretação do homem social. **Travessia**, Florianópolis, SC, v. 1, n. 2, p. 33-49, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/18096/17014>. Acesso em: 10 nov. 2018.